

Sociedade Portuguesa Contemporânea 41056

Orientações para o estudo

PARTE II. Para conhecer a sociedade portuguesa: conhecimento empírico, descrição e interpretação

Tema 6. Instituições e Sociedade: Sociedade Civil, Estratificação Social e Cultura – Semana 2

Dado que aborda várias questões complexas, este tema do programa curricular será leccionado ao longo de três semanas. Nesta segunda semana centrar-nos-emos no subtema 6.2. “Família”. Na próxima semana será disponibilizada bibliografia para o subtema 6.4. (“Identidade e Cultura”), bem como orientações para o estudo detalhadas. Não será disponibilizada bibliografia específica para o subtema 6.3. “Educação, Infância e Juventude”, ainda que apontamentos sobre este tópico surjam nos textos obrigatórios disponibilizados para os restantes subtemas do tema 6.

Como o texto de Sílvia Portugal deixa claro, a família é uma das estruturas sociais mais importantes das sociedades modernas (e não só destas). Apesar disto, a família passou por transformações profundas ao longo das últimas décadas, ainda que estas mudanças se articulem com uma série de continuidades, quer no interior da família, quer na relação da família com o mundo exterior.

As transformações da e na família são indissociáveis das mudanças demográficas. A sociedade portuguesa experienciou uma transição demográfica tardia, mas célere, sobretudo, após 1974. A sociedade portuguesa tem actualmente muito baixas taxas de fecundidade (que se encontra longe do valor necessário para garantir a reprodução das gerações) e de mortalidade infantil. Simultaneamente, a esperança média de vida aumentou significativamente, gerando uma transformação da estrutura etária desta sociedade, diminuindo o número de jovens e aumentando o número de idosos.

Estas mudanças demográficas articulam-se com transformações nas características da família: as famílias são hoje mais pequenas, há menos casamentos, há mais divórcios, a família nuclear (casal e filhos) perdeu peso apesar da sua centralidade, há mais famílias recompostas e famílias monoparentais, bem como mais filhos fora do casamento, mais casais sem filhos e mais pessoas que vivem sozinhas.

A família passou, em geral, por cinco processos de mudança interligados na modernidade: a nuclearização, a privatização, a sentimentalização, a individualização e democratização. A família nuclear multi-geracional tornou-se no modelo de família mais relevante, mas as várias gerações (filhos, pais, avós e, por vezes, bisavós) já não vivem todas juntas, ainda que mantenham interações intensas. A família fechou-se também ao exterior (*i.e.*, privatizou-se), definindo o espaço doméstico como estando restrito à família nuclear. Verificou-se também uma perda de peso das considerações instrumentais na família (*e.g.*, o casamento por motivos económicos, o

uso das crianças como fonte de rendimento), que foi motivada pelo peso crescente dos afectos no seu seio (*e.g.*, o casamento por questões românticas, o cuidado continuado e intenso com as crianças). A par dos processos de nuclearização, privatização e sentimentalização, a família tornou-se também num conjunto de relações pelas quais cada indivíduo procura realizar-se pessoalmente (*e.g.*, cada um procura satisfação individual no seu casamento, *etc.*), o que, em parte, explica o aumento da taxa de divórcio (pois os indivíduos envolvidos num casamento romântico em busca de realização pessoal não aceitam viver toda a sua vida numa situação que os deixa insatisfeitos, ao contrário do que ocorria quando o modelo de casamento era instrumental). Tudo isto foi concomitante com a democratização da família, tendo-se emancipado relativamente as mulheres e as crianças, bem como perdido peso o autoritarismo paterno, ditando uma horizontalidade relativa das relações de poder no seio da família.

Apesar destas mudanças, as estruturas históricas continuam a exercer o seu peso, dando lugar a continuidades significativas. A experiência do Estado Novo, fortemente familista, condiciona profundamente ainda hoje quer as práticas e representações individuais sobre a família, quer a forma como o Estado democrático representativo, na ausência de políticas públicas mais abrangentes, força a família a assumir a seu cargo diversas obrigações de protecção dos seus membros. As continuidades na família são, claramente, observáveis tomando o papel das mulheres como referência. No último meio século, estas entraram em massa no mercado de trabalho e na escola, mas continua a cair sobre elas a responsabilidade do trabalho doméstico, incluindo o trabalho de prestação de cuidados variados à família nuclear e, muitas vezes, à família alargada. Estruturalmente, a entrada das mulheres no mercado de trabalho não as emancipou por completo da sua posição subalterna no espaço doméstico, dando origem a uma dupla jornada de trabalho das mulheres (*i.e.*, trabalham na sua actividade profissional remunerada e continuam a trabalhar quando regressam a casa).

A família tem uma relação umbilical com as redes sociais, *i.e.*, com as redes de relações dos indivíduos (com familiares, amigos, vizinhos, colegas de trabalho, entre outros). Ora, também as redes sociais passaram por mudanças profundas nas últimas décadas. Provavelmente, a modificação mais visível é a que respeita à vulgarização do próprio termo “redes sociais”, que se tornou sinónimo de redes sociais digitais (*e.g.* facebook). Contudo, o termo “rede social” permanece sociologicamente muito mais amplo e polissémico do que este seu uso vulgar para nos referirmos ao universo *online*.

Ao longo da modernidade, as relações sociais em que os indivíduos estão envolvidos tornaram mais heterogéneas, mais diversificadas, mais individualizadas, mais independentes das redes de parentesco e menos restritas à comunidade local onde os indivíduos nascem, vivem e morrem. Este processo acelerou nas últimas décadas. Contudo, em Portugal, a família permanece fundamental na definição das redes de relações dos indivíduos, desempenhando um papel crucial na provisão de bem-estar e protecção material e emocional.

Para realizar o estudo do subtema 6.2 da Parte II do programa curricular, deverá ler o texto indicado de seguida.

Portugal, Sílvia (2020), "Família(s) e redes sociais: mudança(s), continuidade(s) e tensões", in E. P. Seller, J. Ferreira, M. D. Guerreiro, F. C. Jiménez (orgs), *Familias, identidades y cambio social em España y Portugal. Signlos XIX-XXI. Perspectivas comparadas europeas*. Thomson Reuteurs/Aranzadi, 141-158.

Tenha em mente que os materiais de apoio ao estudo disponibilizados não substituem a leitura dos textos acima indicados.

Como actividade formativa opcional (não avaliada), procure resumir as principais ideias do texto indicado como bibliografia obrigatória. Partilhe as suas dúvidas e comentários interpretativos (ancorados na bibliografia e não, meramente, comentários de senso comum) no fórum da UC para serem discutidos com a equipa docente e os/as colegas.

Este texto foi preparado por João Aldeia para o ano lectivo 2023/2024 da unidade curricular Sociedade Portuguesa Contemporânea 41056.



<http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>